

## GRUPO DE CONVERGÊNCIA:

### **A eficácia da intervenção analítica: sua lógica.**

#### **Ato e intervenções do analista.**

**María Eugenia Vila.**

Nos distintos tempos da direção da cura intervimos de diversos modos propiciando o corte que instaura o efeito sujeito e o giro discursivo que recria a falta. Por isso, Ato e intervenções do analista se fundem e articulam na Ética da Psicanálise sustentada no singular, em não ceder ao desejo. O psicanalista sustenta seu ato pela função Desejo do analista que o habita, que se funda no vazio que deveio, efeito do operado em sua própria análise.

No seminário RSI Lacan avança em desenvolvimentos repletos de consequências clínicas. Ele realiza uma passagem do nome do pai – articulador lógico na metáfora paterna – aos nomes do pai: Real, simbólico e imaginário, atribuindo-lhes uma função de Nomeação. Cada um como Nome do pai recorta gozo, prescreve e proscreeve um gozo. Enodados, cada um limita o outro. Esses desenvolvimentos nos permitem situar uma lógica das intervenções do analista no Real, no Simbólico e no Imaginário tal como elucidou teoricamente Isidoro Vegh em seu livro *As intervenções do analista*.

A interpretação – intervenção simbólica – não visa a nomear um saber que já estaria dado. O psicanalista faz seu trabalho a partir da partitura que o analisante traz, lê a letra, decifra e com seu dizer oblíquo e por seu ato, assiste à produção de um saber pronto para escapular, mas que deixa um rastro, borda que faz com que o buraco exista. Em outras palavras, recria a falta.

A interpretação alude a como o sujeito diz o real, como se situa diante do real. O que ocorreu não pode ser mudado. O analista interpreta o dizer do analisante, não o real. No

seminário L'insu, Lacan se refere à poesia, ao poético da *interpretação justa*<sup>1</sup> que apaga um sintoma enquanto a verdade alcança o sujeito. O sintoma, verdadeiramente simbólico, é questão de saber, palavra amordaçada, letra em *souffrance* que espera ser lida. Encerra uma verdade que diz respeito a como o analisante responde ao real e que é mister desdobrar, deixá-la falar. Esse efeito poético da interpretação tem por matéria a equivalência entre som e sentido.

Interessa-me destacar o que lemos no seminário Le Sinthome a respeito do próprio de uma intervenção do analista em RSI. Aí Lacan nos propõe que se fazemos uma conexão entre simbólico e imaginário não só liberamos o sujeito do sentido do Outro que atua no sintoma, mas também ajudamos o analisante a encontrar um sentido novo, o próprio. De contragolpe, dirá Lacan, faz-se uma conexão entre real e imaginário, advertindo o sujeito do gozo parasitário que sustenta seu sintoma e o afasta de seu desejo.

As intervenções do analista visam à singularidade do sujeito, à sua demanda e nela, ao entrelaçado das marcas de sua história, a esses trechos que o detêm e impedem-lhe de avançar em seu desejo. A posição Ética da Psicanálise não só enuncia em não ceder no desejo, mas ao reintroduzir a singularidade propicia o laço social e uma nova distribuição de gozos.

O ato interpretativo produz efeitos. Queda do objeto que operou na transferência; “des ser” do analista no lugar de SsS. *O analista devém resíduo*<sup>2</sup>; “não sou” por parte do analisante esse objeto tampão da falta, disjunção de *a* e de *-y*.

A verdade tem lugar na transferência. Cena na qual o analista devém *semblant* – capa imaginária de um pedaço de real – efeito do discurso. O objeto que comporta uma fixação de gozo que se produz, trata-se da presença do analista como presença de um gozo bordeada por significantes que, no dizer, desdobram algo da verdade do sujeito.

---

<sup>1</sup> Lacan, Jacques. Seminário L'insu que sait de l'Une – bevue s'aile a mourre. Aula de 19 de abril de 1977. Biblioteca EFBA para circulação interna.

<sup>2</sup> Lacan, Jacques. Seminário O ato analítico. Tradução para circulação interna da EFBA.

A leitura da letra – tempo do ato – desfaz o semblante, chovem significantes. À medida que isso ocorre, desarma-se um gozo coagulado e emerge outro enlaçado ao desejo. A escrita é essa erosão.

No tempo do ato produz-se um *pas de sens*, passagem de sentido, do sentido do Outro ao próprio sujeito, perde-se esse *faux etre*, falso ser. *Se é essa verdade*<sup>3</sup> como vazio, irremediável, incurável. Ocorre a passagem do eu não penso, sujeito cindido do eu não sou, pela castração simbólica, rejeição do ser esse objeto que bloqueia a falta, que em sua ilusão, completaria o Outro.

Retomando o que Lacan enuncia em 1958, em A direção da cura trata-se da retificação das relações do sujeito com o real nos desdobramentos da transferência e no valor das intervenções do analista próprias do tempo do ato.

---

<sup>3</sup> Lacan, Jacques. Seminário O ato Psicanalítico. Aula de 10 de janeiro de 1968. Tradução para circulação interna da EFBA.